

2. SABER RECONHECER AS LEIS DO VIVENTE

Proposições e Indagações

Somos Duração – Memória – Seres Plurais

Quando *enunciamos proposições*, ou seja, fazemos afirmações, oferecemos ao outro a nossa maneira particular de conhecer as coisas e de ouvir, mostramos nuances, o que nos forja ou aquilo que é nossa individualidade. Quando *indagamos*, ou seja, formulamos perguntas, damos ao outro a oportunidade dele revelar a si mesmo o que lhe é exterior e, também, o que integra sua própria interioridade. Assim, em ambos os casos, se faz presente um gesto de oferenda ao outro e ao próprio proponente ou indagador. Tanto na proposição o como na indagação deixamos transparecer algo daquilo que somos.

Quanto à RTIG, o que oferecemos quando formulamos as proposições?

- i. Fomos lançados em uma *Epoché* (o que é dado, abstém questionamento – somos seres históricos); ii) A vida é ritmo, mudança, evolução; iii) Há uma lei fundamental de alternância entre o potencial e a atualização.

Cada geração é lançada em uma *Epoché*. Existimos sendo no mundo, em um mundo que tem suas próprias características e que nos tinge. A vida se faz, opera dentro de uma *Epoché*. Cada *Epoché* tem em si um germe de evolução. Cada Geração – G. compartilha o comum e o diferente presente em uma *Epoché*. E isso assim é porque, uma RTIG tem um longo percurso histórico comum, expresso em milhões ou bilhões de anos, basta apenas nos lembrarmos do processo de evolução do macaco até ao homem de hoje e de como neste trajeto nos constituímos, nos configuramos, física, biológica, social e culturalmente. Se por outro lado, há algo comum em cada *Epoché*, por outro, há algo de único, inédito, novo em cada elo desta cadeia geracional que as diferencia do que a antecedeu. Enquanto seres humanos, somos o resultado de *n* tempos já experienciados. É simples nos lembrarmos de alguns marcos importantes civilizatórios que elucidam esta noção: viver com ou sem o fogo, reverenciar ou não os mortos, ingressar ou não no universo simbólico, viver como nômades ou sedentários, conhecer ou não a escrita, a imprensa, as telecomunicações, viver no planeta Terra ou nos espaços extraterrestres... Historicamente, somos também parte de diferentes escalas de espaço, aquela que nos insere na dimensão micro, do infinitamente pequeno, definida como mundo subatômico, mundo quântico e, ao mesmo tempo, na dimensão macro, do infinitamente grande que nos lança nos espaços recentemente explorados das esferas galácticas e siderais. Somos, então, vivos partícipes da uma história privada, aquela de nosso grupo, daqueles com aos quais nos relacionamos, tanto quanto da longa e multifacetada história da humanidade e da natureza. Perceber essas paisagens, a pequena e a grande, é um ato de criação.

Desta feita, ritmo, mudança, evolução se inscrevem no fenômeno denominado *Duração*, que nada mais é senão o percurso de gestação, de maturação, de espera, de paciência, bem como a de movimento continuado que imprime renovação. Há a duração da organização, da emergência do sentido, da decisão, da inovação, da operacionalidade e também, há a duração do repouso e a do silêncio. Duração nos leva a questão crucial da

inalienabilidade da morte, ao eterno processo de morte e de renascimento, com ou sem cadáver, isto é, a processos de transformação sucessivos ou àqueles que podem ocorrer por saltos inesperados e imprevisíveis. A cada G. e a todas as Gerações – Gs. de uma *Epoché* seus ritmos, mudanças e evoluções compartilhadas e aqueles ritmos, mudanças e evoluções percebidos ou vividos com nuances próprias, singulares.

Há um ditado que diz que uma dada G. sente a falta, o seguinte pensa a mudança e cria as condições para que ela possa acontecer e o que a outra vindoura a realiza. Contudo, vale lembrar que todas as Gs. lançadas em uma *Epoché* desfrutam de todas essas condições tripartidas mesmo que ignorantes delas. O humano sofre – no sentido de estar inexoravelmente submetido – do que desconhece de si mesmo e de seu entorno, até que desperte para este fato. Apenas na medida deste “acordar” que relações genuínas consigo mesmo, com o outro e com seu entorno podem se tornar possíveis e poderão, quiçá, sair do âmbito do que é potencial para o que é atual, isto é, vir a se manifestar.

Quanto à RTIG, que indagações lançadas podem impulsionar não apenas **mudanças** (nova forma, mas mesma qualidade intrínseca), mas **transformações** (nova forma e inédita qualidade intrínseca e orientação inéditas), no sentido de chegar mesmo a fundar, a criar o até então inusitado? Chegou-nos um dia um cartaz, bastante eloquente no qual estava escrito: EU CR[E]IO [N]UM MUNDO MELHOR. Este criar emerge na medida de que indagações pertinentes são formuladas. No caso da RTIG algumas delas são de enorme relevância: a) O que são as leis do vivente? b) Como afeto e sou afetado pela heterogeneidade do vivente nas diferentes Gs.? c) Se ser vivente funda-se na relação, como me relaciono com minha própria G. e com as outras Gs.?

A leis do vivente está ligada ao termo **complexidade**, a partir da etimologia da palavra “*complexus*” que significa **tecer juntos**. O vivente é complexo. Ele é demandado constantemente enfrentar o imprevisto, a emergência, a não linearidade, a interdependência e a retroação. Se não integramos a complexidade no dia a dia de nossas vidas, estaremos à margem não apenas da complexidade, mas da própria vida. O que é tecer juntos na RTIG? A leis do vivente sabem que sua história tem: **diversificação, complementaridade, troca, cooperação, conexão, auto-organização, seletividade**.

Como rever estas sete palavras na minha relação pessoal com a G. ao qual pertenço e convivo e com as demais Gs. de uma RTIG do meu círculo de vida? O que me fere e o que me conforta no enfrentamento com a heterogeneidade da minha G. e das demais Gs. com a qual convivo em situação pessoal ou profissional? Se me percebo como parte integrante de um circuito intergeracional, como observo o que observo e, em que medida, o que observo me integra ou me distancia dele? Posso estar alienado da minha G. própria e/ou das demais com as quais co-habito? E em que medida o hábito da co-habitação endereça o que mais importa e promove um bem maior? O que mais importa? O que é este bem maior?

Que ganhos ou perdas se instalam a curto, médio ou longo prazo na minha adesão de viver ou rejeitar a heterogeneidade da minha G. e do conjunto de Gs. da *Epoché* na qual fui lançado? Dar-me conta de que sou *duração – memória – ser plural* me amedronta e fecha, ou me inspira e me lança para o aberto, para ver com maior clareza o que se me apresenta e, assim, renovar meu agir?

Procure amar suas próprias perguntas, cada uma como um lugar que lhe é inacessível, como um livro escrito numa língua estrangeira. Viva no instante presente somente suas perguntas. Talvez, vivendo-as, você acabará entrando de maneira imperceptível nas respostas.

R. M. Rilke [1875 – 1926]